



## Ensino da morte por docentes enfermeiros: desafio no processo de formação acadêmica\*

Nursing teachers teaching about death: challenge in the academic process

Márcia Gabriela Rodrigues de Lima<sup>1</sup>, Elisabeta Albertina Nietzsche<sup>1</sup>

**Objetivo:** compreender a estratégia utilizada por docentes enfermeiros para o ensino acerca da morte em atividades teórico-práticas do Curso de Enfermagem. **Métodos:** pesquisa qualitativa, com 14 docentes em Enfermagem, por meio da amostragem por saturação de dados, em instituição pública de ensino superior. Utilizou-se a entrevista semiestruturada para coleta de dados e realizada Análise de Conteúdo. **Resultados:** as docentes acreditavam ser pertinente ensinar sobre a morte, entretanto, muitas não o fazem, destacando como limitação o vínculo com o paciente, a morte na infância, os sentimentos, valores pessoais e ausência de disciplinas específicas. **Conclusão:** a forma como a morte é percebida influencia na abordagem dessa temática no ensino em Enfermagem.

**Descritores:** Educação; Morte; Enfermagem.

**Objective:** to understand the strategy used by nursing teachers for teaching about death in theoretical and practical activities of the Nursing Course. **Methods:** qualitative research with 14 Nursing teachers, through sampling by data saturation in a public institution of higher education. A semi-structured interview was used for data collection and Content Analysis was performed. **Results:** the teachers believed to be relevant teaching about death, however, many do not do it, highlighting as a limitation the bond with the patient, death in childhood, the feelings, personal values and the absence of specific disciplines. **Conclusion:** the way death is perceived influences the approach of this theme in teaching Nursing.

**Descriptors:** Education; Death; Nursing.

\*Artigo extraído da Dissertação "Representações sociais sobre a morte para docentes enfermeiros e suas influências no ensino", Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil.

Autor correspondente: Márcia Gabriela Rodrigues de Lima  
Rua Henrique Seibel, 61, Perpétuo Socorro. CEP: 97043-230. Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: grlmarcia@yahoo.com.br

## Introdução

Inúmeras produções científicas, de diversas áreas, abordam enfaticamente o evento da morte como um problema doloroso ao ser humano, que traz à tona lembranças de perdas passadas, a dor do luto, o sentimento de acabamento e o medo do futuro desconhecido e incerto<sup>(1)</sup>. Portanto, refletir sobre a finitude não é tarefa fácil, tão pouco desejável, apesar de, diariamente, os meios de comunicação noticiar, muitas vezes, de forma banalizada, sobre a morte de várias pessoas.

Nesse contexto, considerando que o espaço educacional tem a função de promover a socialização, faz-se necessária a abertura de espaço para o trabalho de várias temáticas<sup>(2)</sup>. Entretanto, tal prática torna-se um desafio, principalmente, aos docentes de cursos na área da saúde, como é o caso da Enfermagem. Pois, com frequência, muitos não receberam formação/qualificação necessária para discutir sobre esse evento em sala de aula ou, ainda, sentem-se apreensivos, o que limita a atuação, dificulta o processo de ensino e desqualifica a formação de novos profissionais<sup>(3)</sup>.

Diante disso, a dificuldade alegada pelos docentes em tratar sobre o morrer e a morte em conteúdos de sala de aula, está relacionado com o despreparo enquanto profissional dos mesmos, o que é fato nas lacunas deixadas durante a formação acadêmica e na apreensão suscitada<sup>(4)</sup>. Além disso, frequentemente, as instituições de ensino apontam não ter condições de abordar o tema por falta de tempo e recursos humanos ou que é algo subjetivo e, portanto, não deve ser discutido no espaço educacional<sup>(5)</sup>.

Todavia, torna-se *mister* que docentes enfermeiros sejam preparados para otimizar o processo de ensino e aprendizagem sobre a morte. Será possível dar suporte aos discentes que encontram dificuldades emocionais ao deparar-se com a morte nos campos de aulas práticas; além de implementar a formação de enfermeiros com uma visão humanizada do cuidar na fase de terminalidade humana.

Em face disso, emergiu como problema nortea-

dor deste estudo: Como docentes enfermeiros abordam o processo de morrer e morte no ensino de atividades teórico-práticas no Curso de Graduação em Enfermagem?

Assim, objetivou-se compreender a estratégia utilizada por docentes enfermeiros para o ensino acerca da morte em atividades teórico-práticas do Curso de Enfermagem.

## Métodos

Trata-se de pesquisa qualitativa, realizada com docentes enfermeiros efetivos, do Departamento de Enfermagem de uma instituição pública de ensino superior, no estado do Rio Grande do Sul/Brasil. Como critérios de inclusão dos sujeitos consideraram-se: ser docente efetivo. Como critério de exclusão: fazer parte de outras unidades universitárias da instituição, ser professor orientador do estudo, estar em férias, licença, atestado ou afastamento de qualquer outra natureza.

Assim, participaram da coleta de dados uma amostragem de 14 docentes, por ter havido saturação teórica dos dados, à medida que o conteúdo das falas dos participantes se repetiam. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, com perguntas abertas: questionamentos sobre o ensino da morte (pertinência do ensino sobre a temática, trabalhando sobre a morte no cuidado de enfermagem com os discentes em sala de aula, dificuldades em trabalhar sobre a morte).

O convite para participação na pesquisa foi realizado por meio de contato pessoal, com cada docente, de acordo com seus dias de trabalho na instituição. Nesse primeiro momento, explicou-se sobre o projeto e a forma como as atividades ocorreriam. Para aqueles que aceitaram participar o agendamento da entrevista já era realizado.

A entrevista ocorreu individualmente, em locais e horários previamente agendados, respeitando a produção e sentimentos de cada um. As falas foram gravadas e transcritos posteriormente. Sendo que, o

período aproximado à realização da coleta correspondeu aos meses de maio a julho de 2012.

O processo de análise, discussão e interpretação dos dados foi orientado pela técnica de Análise de Conteúdo<sup>(6)</sup>. Na pré-análise realizou-se leitura flutuante das primeiras entrevistas, para verificar se estavam respondendo aos objetivos da pesquisa. Para tanto, obedeceu-se às regras de: exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade<sup>(6)</sup>. Na exploração do material fundamentou-se na operação de codificação, com a transformação dos dados brutos, para alcançar o núcleo de compreensão do texto. Após, fez-se o recorte do texto em unidades de registro, para elencar as categorias, agrupando quando houvesse semelhança. No tratamento dos resultados obtidos e interpretação, os temas foram colocados em evidência e procedeu-se à releitura do material categorizado para que fosse possível reflexão crítica dos resultados. A privacidade e sigilo dos sujeitos foram mantidos pela utilização da letra "D" (docente), seguida de números: D1, D2, D3.

O estudo respeitou as exigências formais contidas nas normas nacionais e internacionais regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

## Resultados

A partir dos dados coletados neste estudo, emergiram as temáticas expostas e discutidas a seguir: Pertinência do ensino sobre a morte na formação acadêmica, Estratégias de ensino para trabalhar com a morte e Limitações na prática de ensino sobre a morte.

### Pertinência do ensino sobre a morte na formação acadêmica

Sobre o ensino do processo de morrer e morte, no Curso de Graduação em Enfermagem, os quatorze sujeitos consideraram pertinente, conforme exemplificado nas falas: *É fundamental porque a morte faz parte do nosso cotidiano. Somos profissionais da saúde, trabalhamos com a saúde,*

*com a doença e com a morte. A terminalidade é outro momento que tem de ser trabalhado, o aluno tem que ser preparado para isso (D3); Acho muito importante que o profissional, professor, passe alguns conceitos para esse grupo (alunos) que vai ser profissional. Temos de passar para os alunos que a enfermagem tem um papel importante nesse momento, nem que seja de ficar ao lado, ouvir o que a família e os familiares têm a dizer (D6).*

Afirmaram ser pertinente trabalhar sobre morte, ainda no período de formação, para auxiliar na construção da identidade profissional do aluno, a fim de que ele (re) conheça seu papel social enquanto enfermeiro e integrante da equipe de saúde, responsabilizando-se pela assistência humanizada e integral ao indivíduo e sua família ao longo de todo ciclo vital.

Outra questão abordada foi abertura de espaço em sala de aula que promova a discussão sobre a morte: *A gente ainda trabalha muito na formação com as atuações individuais do paciente, com o fazer do enfermeiro durante o curso ao longo das disciplinas, mas não assim com a família (D1); Acho fundamental trabalhar o tema morte, pois nossos alunos devem ser preparados ou no mínimo acompanhar essa situação, para irem vivenciando isso e se preparar para essas situações que irão vivenciar (D2).*

Pontuaram ser pertinente a geração de espaços que propiciem a interação docente/disciplinantes para discussão acerca do processo de morrer e morte na prática acadêmica, bem como a socialização de sentimentos suscitados, já que momentos como este são pouco encontrados na didática de ensino utilizada. Assim, possibilitaria ao aluno um agir autêntico pautado no cuidado individualizado e não mecanicista.

Além disso, três docentes apontaram que abordar a temática morte no ensino acadêmico torna-se pertinente pela inexperiência e imaturidade de muitos alunos. As falas exemplificam isso: *Acho sim pertinente trabalhar essa temática porque o aluno que entra no curso, geralmente, ainda tem os avós e os pais. Então ele vai encontrar a morte com pessoas desconhecidas, mas que ele tem que cuidar (D10); Acho pertinente porque temos alunos mais novos, com menos estrutura de lidar, com dificuldades, muito imaturos em vários aspectos e com labilidade emocional (D12).*

A partir dessas manifestações, verificou-se que trabalhar sobre a morte no ensino de graduação em

Enfermagem é pertinente porque alguns discentes, atualmente, estão ingressando muito jovens na universidade, sendo que diversos deles ainda não possuem experiência e maturidade suficientes para lidar com situações de sofrimento e terminalidade humana, frequentemente vivenciados no cotidiano profissional do enfermeiro.

Por outro aspecto, alguns relataram ser pertinente trabalhar sobre a morte devido à complexidade de cada área onde se desenvolve a prática de ensino: *Acho muito importante porque os alunos quando veem que é uma criança grave, eles ficam muito assustados e não conseguem nem imaginar a morte. Tinha que haver um trabalho diferenciado (D4); Não consigo ver o processo de formação sem falar sobre isso. Trabalho isso sempre, até pela peculiaridade do ambiente aonde trabalho com os alunos, que é na Unidade de Terapia Intensiva. Têm alunos que se emocionam muito, não conseguem trabalhar direito os sentimentos provocados por aquela reação e a gente precisa retomar em outros momentos ao longo do campo de prática (D5).*

Sob tal perspectiva, essas falas enfatizaram que promover o ensino sobre o processo de morrer e morte em sala de aula poderá suscitar menor sofrimento aos discentes que se encontram ou passarão em campos de aula prática onde são prestados cuidados críticos, como: unidade pediátrica ou de terapia intensiva. Pois, na primeira, a morte apresenta-se ainda na infância e na última, sua presença é constante.

### **Estratégias de ensino para trabalhar com a morte**

Apesar do ensino sobre o morrer e a morte possibilitar ao discente conhecer e desenvolver um conjunto de valores e posturas pertinentes a sua relação com o paciente e a família, quatro docentes pontuaram que não abordavam o conteúdo sobre o processo de morrer e morte: *Não trabalho sobre a temática morte, apesar de desenvolver minhas atividades em situações críticas, quer dizer risco de morte iminente. Não se trabalha, não tem um tema específico para isso (D1); Estou na atenção básica onde a gente fala menos sobre a morte. Aqui sinto que acabamos trabalhando muito com orientações,*

*com educação e saúde para o crescimento, desenvolvimento, vê muito mais o lado da vida (D8).*

Essas falas desvelaram que a temática morte era abordada apenas quando ocorriam em alguns conteúdos curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem, como: atenção básica e saúde da mulher. Isso é justificado pelos participantes por haver pouca ou nenhuma situação de morte durante o período de aula prática, por tratar-se, muitas vezes, de alunos recém-ingressos ou porque a temática morte não fazia parte de conteúdos que enfocavam sobre a vida.

Quatro docentes afirmaram que abordaram a temática apenas quando emergia nas aulas práticas: *A gente trabalha isso quando aparecem no campo de prática. Às vezes, falo para os alunos: Vejam esta criança, tem essa doença crônica, ela não vai talvez chegar na adolescência. Os alunos ficam um pouco impactados (D4); O modo de trabalho é mais com conversas, pois na verdade a gente desenvolve na prática quando isso acontece, resgatando esses conteúdos e questões envolvidas em uma discussão coletiva lá no campo mesmo (D14).*

Relativo a essas expressões, observou-se que o ensino sobre a morte ocorria apenas quando existia algum paciente em fase terminal.

Por outro lado, seis docentes relataram que tratavam sobre a morte em sua atividade de ensino: *Trabalho sobre a morte com os alunos na questão do abortamento no hospital (D6); Trabalho na Disciplina Complementar de Graduação, onde um dos temas que a gente aborda é a morte. Trago geralmente um filme para trabalhar os sentimentos (D9); Coloco isso nas aulas, que gerenciar a morte do paciente também é importante, assim como saber de toda essa questão da família não quer que se morra em casa, mesmo sabendo que aquela pessoa não tem mais o que fazer (D10).*

Conforme as falas, o ensino sobre a morte ocorria em aulas teóricas de uma Disciplina Complementar de Graduação por meio de filmes, bem como em alguns momentos na Disciplina de Administração dos Serviços de Saúde. Já nas aulas práticas acontecia essa abordagem na área de obstetrícia hospitalar, por meio de discussões em grupo, às vezes, antes e/ou após observar a situação de morte.

## Limitações na prática de ensino sobre a morte

Apesar do confronto cotidiano com a morte, muitos profissionais da saúde encontravam dificuldades em encará-la, como enfatizado: *A morte de um paciente também tem um impacto sobre mim. Não sei, às vezes, lidar direito com a reação da família porque você tem que respeitar a angústia daquelas pessoas, o sofrimento, você tem que se colocar disponível e ao mesmo tempo esperar para ver o que elas esperam de ti* (D2); *A gente acha que está, mas nunca está preparada para perdas, e dependendo do vínculo que a gente forma com as pessoas e a família, a perda tem mais ou menos significado* (D14).

O vínculo construído com o paciente e sua família ao longo da realização do plano de cuidados era visto pelos docentes como uma limitação para o ensino acerca da morte.

A morte de crianças e jovens também foi apontada como fator limitante do ensino no campo prático: *Uma das coisas mais difíceis é trabalhar a morte da criança, do adolescente, do adulto jovem, pois parece que esse tipo de evento não é possível, não se aceita tão bem quanto em um idoso* (D3); *A morte de uma criança assim é uma coisa muito falha na nossa disciplina, a gente não trabalha isso oficialmente na matriz curricular. Na verdade, a gente trabalha com os alunos pensando em protegê-los* (D4).

O ensino sobre a morte na infância e juventude não ocorre de forma efetiva na academia, pois, nesse estágio da vida, ela causa estranheza tanto aos docentes e acadêmicos como aos demais profissionais, por representar uma fase que denota vida.

A morte como evento que suscita sentimentos e valores também foi destacada como fator limitante ao ensino: *Trabalhar a morte é mais difícil porque você mexe com seus valores, sentimentos, primeiro como docente, pessoa, ser humano, não só como enfermeira, professora* (D1); *Têm coisas que a gente ensina na sala de aula e coisas que a gente não consegue ensinar. Às vezes, por mais que diga não consegue concretizar porque é algo que a gente viveu* (D7).

A ausência de disciplinas específicas para o ensino da morte foi apontada como limitante: *A gente passa tão batido pela temática morte que tenho essa preocupação também, será que nunca vamos colocá-la em alguma disciplina?* (D1); *Essa temática deve ser melhor trabalhada em um espaço formal para que*

*a gente possa discutir, e que essa discussão, enquanto espaço docente de ensino, não seja uma discussão técnica, ela precisa passar pela questão da formação do "self"* (D9).

Assim, as docentes asseguraram que trabalhar sobre a morte em sala de aula, seja de forma teórica ou prática, poderia representar algo menos difícil se houvesse um espaço de discussão formal específico, trabalhando não apenas a questão procedimental e tecnológica da assistência, mas abordando os aspectos emocionais e pessoais de cada discente.

## Discussão

As limitações encontradas nesse estudo foram o número de sujeitos participantes na coleta de dados, pois, desse modo, foi possível conhecer a realidade sobre o ensino da morte no Curso de Enfermagem apenas no cenário em estudo e não de forma mais abrangente em outras instituições de ensino do país. Outra questão foi o reflexo da deficiência desse ensino na perspectiva dos discentes, já que as entrevistas dos mesmos não foram o foco do presente estudo.

Por meio dos resultados obtidos, foi possível compreender como os docentes do Curso de Graduação em Enfermagem vivenciam a temática morte em seu cotidiano de ensino com os discentes. Essa prática revelou-se ainda deficiente, apesar de ser um tema presente de modo constante no ambiente de trabalho do enfermeiro.

Assim, entende-se que o docente enfermeiro expressa em sua prática uma espécie de fuga da temática morte, já que a mesma desperta sentimentos de impotência, tristeza, incerteza e, sobretudo, angústia por abordar algo que também é inerente a ele: a finitude da vida. O impacto da morte não é obrigatoriamente transformado em uma experiência, pois é um evento que produz um encontro singular em cada indivíduo<sup>(7)</sup>.

A morte tem sido, contemporaneamente, um tema interdito e a educação, que é oferecida aos profissionais da saúde, não se diferencia do restante da sociedade<sup>(8-9)</sup>. A forma estrutural dos currículos de

Graduação em Enfermagem brasileiros era e continua sendo de caráter disciplinar, tecnicista e centrada na doença<sup>(4)</sup>. Situação semelhante foi encontrada em pesquisa realizada com 91 escolas de enfermagem canadenses, pela Associação Canadense de Escolas de Enfermagem, na qual revelou um ensino inadequado sobre a morte nesses espaços educacionais<sup>(10)</sup>.

Alguns discentes ingressam ainda muito jovens em cursos da área da saúde, o que reflete em despreparo e afastamento ao cuidar de pacientes em processo de morrer e morte nas práticas curriculares cotidianas<sup>(10)</sup>. Tal imaturidade é observada ainda na sala de aula, uma vez que eles, com frequência, ainda não assimilam que o objeto de trabalho futuro será o cuidado da vida de outras pessoas; sobre as implicações que a prática profissional responsável e efetiva exercem ao tratamento do paciente ou ainda que a assistência estará voltada tanto para manutenção da vida quanto para o apoio daqueles que se encontram no processo de morrer e morte.

Sobremaneira, o aprendizado discente, com frequência, é solitário e vem de sua própria necessidade<sup>(11)</sup>. Posteriormente, enquanto profissional, quando presencia situações de morte às quais não se habitua, pois lidar com ela é doloroso, vem acompanhado de muito sofrimento e mecanização de suas ações<sup>(12)</sup>.

Isso demonstra a necessidade de apoio nas primeiras vivências profissionais de morte, para que, através deste suporte, consigam organizar sentimentos e construir um agir profissional, sem se sentir defasado no tocante às sensações<sup>(13)</sup>. O rosto da morte é um processo difícil e sua atenção pelos seres humanos é complexa e entremeada por conotações biopsicossociais que devem ser levadas em conta tanto na formação de discentes de enfermagem quanto na organização de práticas de cuidados, já que, com frequência, é relegada para um plano subjetivo secundário, tornando-se, assim, um ato social, em vez de um ato técnico<sup>(14)</sup>.

Então, o docente tem papel fundamental na aproximação do discente com o cenário do cuidar

diante do morrer e da morte, pois isso proporciona esclarecimentos, enriquece e consolida o conhecimento acadêmico<sup>(12)</sup>. Estudo realizado com docentes da área da saúde revela que a maioria deles não aborda a questão da morte na atividade de ensino e, quando o faz, é de modo superficial e rápido, geralmente, durante os últimos semestres de graduação, ao invés de permear todo processo formativo<sup>(12)</sup>.

Assim, trabalhando com a docência de enfermagem, constata-se como a morte ocupa no currículo lugar de mero acessório, não se destina a ela nem carga horária nem abordagem teórica significantes<sup>(15)</sup>. Geralmente, para que o ensino aconteça, é necessário presenciar algum fato, caso contrário não se fala no assunto<sup>(12)</sup>.

Essa deficiência pode estar pautada nas singularidades, particularidades, valores e emoções que cada docente sente ou atribui ao abordar em conteúdos teórico-práticos<sup>(13)</sup> situações como: rompimento que a morte provoca no vínculo entre paciente e profissional; confronto com a morte em unidades de cuidado crítico e intensivo ou terminalidade na infância/juventude.

Na enfermagem, o confronto com a morte na infância pode representar algo "pior", pois é interpretada como interrupção no seu ciclo biológico, configurando-se fonte desencadeadora de estresse emocional tanto ao docente como ao discente<sup>(11)</sup>. Outro estudo realizado com docentes enfermeiros evidenciou que os sentimentos despertados pela abordagem da temática morte foram: tristeza (41,5%), medo e angústia (15,1%), confrontação (5,6%), depressão (3,8%) e raiva (1,9%)<sup>(15)</sup>.

A finitude humana em sua essência provoca estranheza naqueles que estão vivos, mas que precisam presenciá-la. "O cuidar de um paciente, perante a possibilidade de morte iminente, implica em quem o assiste ter uma multiplicidade de sentimentos como: compaixão, angústia e temor gerando dor e sofrimento a si mesmo"<sup>(16:76)</sup>. Esse contato com o paciente pode representar um choque para quem se depara com a

fragilidade humana e a complexidade dos problemas que envolvem a pessoa nesta situação<sup>(17)</sup>.

Assim, na tentativa de transformar essa realidade, o ensino sobre o morrer e a morte deve estar privilegiado em todos os currículos de cursos da área da saúde, uma vez que isso possibilita ao discente conhecer e desenvolver um conjunto de valores e posturas pertinentes na relação com o paciente e a família deste. Tais elementos são essenciais à formação de indivíduos conscientes e capazes de tomar decisões responsáveis e implementar um cuidado humanizado diante da terminalidade humana.

## Conclusão

Diante do exposto destaca-se como estratégia utilizada por docentes enfermeiros para o ensino acerca da morte em atividades teórico-práticas do Curso de Enfermagem, a abordagem da temática acontece com pouca frequência, de forma não transversal entre os conteúdos do curso, porém, quando acontece, é na presença de pacientes terminais em campos de aulas práticas ou em grupos de alunos nas disciplinas complementares de graduação. Deste modo, não há uma estratégia específica para esse ensino, mas sim quando emerge alguma situação que torna inevitável a discussão.

Embora este estudo demonstre uma realidade circunscrita, os docentes apontaram dificuldades ao ensinar sobre a finitude humana, ainda que a do outro. Assim, mesmo essencial ao cuidado à pessoa e não somente ao corpo biológico, essa prática não se apresenta como atividade fácil, mas sim complexa. Para viabilizar uma educação voltada para o morrer e a morte, ainda no processo de formação do enfermeiro, não basta aplicar medidas insuficientes, como: reformular currículos criando disciplinas novas ou desfragmentação de conteúdos. No entanto, é imprescindível que docentes e discentes reflitam juntos sobre o significado, singularidades e pluralidades da morte.

## Colaborações

Lima MGR contribuiu na concepção do projeto, análise dos resultados, redação do artigo e aprovação final da versão a ser publicada. Nietzsche EA contribuiu na concepção do projeto, coleta de dados, redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação final da versão a ser publicada.

## Referências

1. Santos MA, Hormanez M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisão da produção científica da última década. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2013; 18(9):2757-68.
2. Kovács MJ. Educação para a morte: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2003.
3. Santos JL, Corral-Mulato S, Bueno SMV. Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde. *Arq Cienc Saúde UNIPAR*. 2014; 18(3):199-203.
4. Ribeiro DB, Fortes RC. A morte e o morrer na perspectiva de estudantes de enfermagem. *Rev Divulg Cient Sena Aires*. 2012; 1(1):32-9.
5. Benedetti GMS, Oliveira K, Oliveira WT, Sales CA, Ferreira PC. Significado do processo morte/morrer para os acadêmicos ingressantes no curso de enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm*. 2013; 34(1):173-9.
6. Bardin L. Análise de conteúdo. Portugal: Edições 70; 2011.
7. Chagas MS, Merhy EE, Abrahão AL, Cerqueira MP, Silva E. The caring in face of the finiteness in the hospital institutions: a descriptive study. *Online Braz j Nurs [Internet]*. 2013 [cited 2016 Mar 20]; 12(supl) Available from: [http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4546/html\\_1](http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4546/html_1)
8. Lima MGR, Nietzsche EA, Santos SC, Teixeira JA, Bottega JC, Nicola GDN et al. Revisão integrativa: um retrato da morte suas implicações no ensino acadêmico. *Rev Gaúcha Enferm*. 2012; 3(33):190-7.

9. Vogel L. Nursing schools to teach new ways to cope with death. CMAJ [Internet]. 2011 [cited 2016 Mar 20]; 183(4):418. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3050945/pdf/1830418.pdf>
10. Medeiros YKF, Bofanda D. Refletindo sobre finitude: um enfoque na assistência de enfermagem frente à terminalidade. Rev Rene. 2012; 13(4):845-52.
11. Ferreira RA, Lira NPM, Siqueira ALN, Queiroz E. Percepções de psicólogos da saúde em relação aos conhecimentos, às habilidades e às atitudes diante da morte. Psicol Teor Prát. 2013; 15(1):65-75.
12. Borges MS, Mendes N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. Rev Bras Enferm. 2012; 65(2):324-31.
13. Menossi MJ, Zorzo JCC, Lima RAG. The dialogic life-death in care delivery to adolescents with cancer. Rev Latino-Am Enfermagem. 2012; 20(1):126-34.
14. Perdigon AGC, Strasser G. El proceso de muerte y la enfermería: un enfoque relacional. Reflexiones teóricas en torno a la atención frente a la muerte. Physis. 2015; 25(2):485-500.
15. Bandeira D, Bastos C, Silvana H, Leila M, Rossato MB. A morte e o morrer no processo de formação de enfermeiros sob a ótica de docentes de enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2014; 23(2):400-7.
16. Alves MVMFF, Scudeler DN, Luppi CHB, Nitsche MJT, Toso LAR. Morte e morrer em Unidade de terapia Intensiva Pediátrica: percepção dos profissionais de saúde. Cogitare Enferm. 2012; 17(13):543-8.
17. Salimena AMO, Ferreira GC, Melo MCS. Sentimentos da equipe de enfermagem cirúrgica diante da morte. Arq Ciênc Saúde. 2015; 22(1):75-78.